

Clinton, em abril; Papa, em outubro

O presidente Fernando Henrique irá muito ao exterior em 97 e receberá, no Brasil, a visita de chefes de estado de países que têm relações importantes com o nosso. A diplomacia presidencial inaugurada há dois anos, segundo assessores do presidente, terá continuidade, mas uma continuidade agora voltada para a busca de resultados mais concretos.

Na sua primeira visita à América Latina, o presidente americano Bill Clinton virá ao Brasil, provavelmente em abril. Clinton não deve fazer todo o circuito sul-americano, devendo incluir apenas a Argentina nesta investida.

O embaixador brasileiro em Washington, Paulo Tarso Flecha de Lima, informou que a definição de uma agenda está dependendo da posse do presidente americano no seu segundo mandato, e do progresso a se fazer nas conversações com o novo comando do Departamento de Estado.

Os acertos preliminares incluíam uma visita de Clinton à Amazônia e estava prevista também a inclusão de um grande estado do Sudeste. Este estado ainda está em cogitação e poderá ser Minas Gerais. O governador Eduardo Azeredo está fazendo gestões pessoais para que a escolha recaia sobre a cidade de Belo Horizonte, que comemora centenário no próximo ano. Uma visita de Clinton, em abril, e a realização do Encontro das Américas, em maio, com a presença dos ministros de comércio exterior de 34 países para discutirem a criação do mercado comum das Américas, seria, para o governador, o reconhecimento da importância de Minas.

O presidente francês Jacques Chirac estará no Brasil também no primeiro semestre de 97, uma visita marcada, em princípio, para março. Virá ainda o imperador Akihito, do Japão, e o alemão Helmut Koll para sua quarta visita ao Brasil, acompanhado de empresários. E até o papa virá pela terceira vez ao Brasil, em 97, para uma visita nos dias 2, 3 e 4 de outubro.

Entre as viagens mais importantes do presidente Fernando Henrique, no próximo ano, estão as visitas ao Canadá, à Itália e à Inglaterra. Segundo análises feitas por funcionários da diplomacia, o presidente estará fechando, em 97, um ciclo de viagens aos países que são grandes parceiros do Brasil. Estão faltando poucos. Na Ásia, só não foi à Coreia, que já o convidou, e na América Latina Fernando Henrique não foi ainda à Colômbia e ao Equador. Deve voltar ao Chile, pois há uma previsão de encontros anuais entre os chefes de estado do Brasil e do Chile, e com a Argentina prosseguirão as visitas alternadas. Em 97, deverá ser a vez de Carlos Menem vir ao Brasil.

Aguarda definição também a viagem do presidente à Rússia, idéia que ficou suspensa por causa da possibilidade, ainda não concretizada, de Bóris Yeltzin vir ao Brasil. De qualquer forma, Fernando Henrique viajará em 97 menos do que em 96, da mesma forma que em 96 viajou menos que em 95. Em 97 deverá fechar o ciclo de visitas internacionais que os funcionários diplomáticos definem como de exploração, lançamento ou relançamento de parcerias. Será o momento de colher os resultados destes contatos.

O significado do que será feito no próximo ano, segundo estas análises, tanto no que diz respeito aos países que visitam o Brasil como aos que convidam o presidente brasileiro, não é muito diferente da ação realizada até agora. Avaliam as autoridades de governo, entretanto, que, a cada ano, se torna possível colher resultados mais concretos desta ação.

Tendo se livrado das hipotecas de uma inflação de 40% ao mês e de um regime autoritário, dois fantasmas afastados, o Brasil passou a ser visto com outros olhos e a tentar desenvolver uma diplomacia destinada a situá-lo em lugar adequado à sua importância. Hoje, os grandes e potenciais parceiros não deixam de notar a existência de graves problemas no país. Algumas questões, como a do trabalho infantil, do trabalho escravo e problemas de violação dos direitos humanos, ocorrem até com frequência e têm acompanhamento sistemático de organismos internacionais.

O que mudou, segundo as análises internas do governo, é que não se deixa de reconhecer a existência desses problemas, assumidos publicamente, e adota-se medidas para superá-los. Reconhecer estas mazelas, ter a economia estabilizada e a democratização concluída são fatos que levam o Brasil a assumir seu lugar no mundo e despertam o interesse dos que buscam uma relação mais efetiva com o país.

As avaliações de assessores do presidente mostram que Clinton, Chirac, Koll estão, exatamente, abrindo os olhos a estes fatos, e a outros feitos notáveis do desenvolvimento apoiado na estabilização.

Na virada do século o Brasil será, por exemplo, o quarto mercado consumidor e o quinto produtor de automóveis do mundo. Em tecnologia avançou também muito, devendo oferecer em 97, por exemplo, o veículo nacional lançador de satélites, produzido na base de Alcântara. Estes encontros bilaterais de 97 renderão ao país novas parcerias. Sabe-se, por exemplo, que haverá uma na área nuclear com os Estados Unidos e uma ação conjunta na área ambiental com a Alemanha. Para a diplomacia, estes resultados são concretos e atestam o acerto da política executada com obstinação pelo presidente.

Em 97 o presidente fechará o ciclo de viagens internacionais destinadas à exploração e lançamento de parcerias